

perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

* Assignaturas *

Semestre 230 reis
Com estampilha 300 reis
vulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

A Bibliotheca

Porque é que não possuímos nós ainda uma bibliotheca municipal? uma bibliotheca publica? Por falta de meios? Por sermos um povo pouco numeroso que facilmente dispensa o encommodo de se crear esse luxo?

Por ser isso uma coisa sem importancia para a vida vareira?

Não, porque recursos não nos fallecem para semelhante empreza.

Uma pequena verba que do thezouro fosse annualmente desviada para tal fim, dentro de pouco tempo abarrotaria de livros algumas estantes. Depois, por meio d'uma circular remettida a todas as casas editoras do paiz, ir-se-ia obtendo para a bibliotheca pelo menos um exemplar de cada obra que se fosse publicando; e assim, mercê tambem da liberalidade d'um ou outro individuo, que a mimoseasse de quando em quando com alguns livros, o monte iria crescendo.

Sem grandes dispendios, pois, poderíamos estar hoje senhores d'uma bem provida bibliotheca publica.

Somos uma villa populosa, somos talvez quinze mil.

D'entre tantos, não haverá quinhentos, duzentos, cem individuos que sintam a necessidade de ler, de ali se instruirem?

Ha positivamente.

E fornecer do pão do espirito, illuminar cem intelligencias, que d'outra sorte permaneceriam no horror das trevas, não será praticar uma boa acção? não será melhorar muito as condições da so-

cidade? E, não ha quem o não veja.

E apesar de tão facilmente podermos estar fruindo tão importante bem, ainda hoje não possuímos bibliotheca nem mesmo embrionaria.

Não será isto uma falta grave, um desleixo criminoso?

Mas o mal poderia remediar-se ainda.

Não ficaria mal á ex.^{ma} Camara pôr hombros á empreza d'ora-ávante.

Não é das coisas minimas de que não cura o pretor. Depois, que custava isso?

Um salão convenientemente mobilado, seria já um principio que não levaria a pantana o cofre municipal. O resto viria vindo aos poucos, como disse.

A benemerita Commissão de Beneficencia Escolar parece-me que já empregou alguns esforços para a fundação bibliotecaria n'esta villa.

E se é verdade que o ex.^{mo} sr. Dr. Chaves—homem d'acção, dotado d'uma bella intelligencia e d'uma vontade que quer sem tibiezas, sem um desmaio—já conseguiu ha bastante tempo para esse fim algumas centenas de volumes, porque é que se não lançam as bases de tão util estabelecimento? por que espera s. ex.^a?

Não se julga com assáz material litterario de costaneira?

As grandes obras, as mais prosperadas, tiveram sempre, d'ordinario, origem bem humilde.

Esses poucos de volumes ar-umados em algumas estantes, em sala embora modesta, franqueada

ao publico seria um principio.

E principiar é já muitissimo. Sem isso nada.

Ora, se s. ex.^a, repetimos, está senhor d'essas centenas, ou dezenas que sejam, de volumes, porque nos não faculta já a sua leitura, expondo-os ao publico, enquanto se não arranja melhor instalação, mesmo na sala d'uma escola, a que nós chamariamos a nossa bibliotheca?

E havia de sel-o verdadeiramente, porque depois outros se lhes viriam juntar.

Para isso é indispensavel que se dê o passo, que se principie. E então, porque se espera?

Marcello.

DESEJOS

Os teus cabellos castanhos
os teus dentes de marfim,
ó querida, eu quizera
que fossem só para mim!

E os teus olhos seductores
tão formosos?! Minha querida,
por elles daria a vida,
por elles morro d'amores!...

Quero, pois, teus olhos lindos
que adoro com devoção
ao pé de mim o coração,
quando a morte me levar...
É perto da minha campa,
entre rosas, entre lirios
sejam os unicos cirios
meu tumulo a alumiar!

Porto, Agosto de 1909

OCIRUE.

CHRONICA

(Continuação do n.º passado)

Romper do dia

Um dia sahi em companhia d'um amigo, mal se debuxavam ainda no ceu os primeiros alvares da madrugada, e embrenhamo-nos n'esse mar de verduras, salpicado aqui e além da espuma branca das... casas, chamado aldeia.

Julho perolisára com ligeiras gottas d'orvalho a face sequiosa das rosas e das plantas.

O pica-flor saltitava entre os silveirões floridos, n'uns pios matutinos e a calhandra pairava pipilando, no azul sereno e limpidio.

Subimos a um pequeno oiteiro, que dominava toda a povoação. O rio de Sande corria ali a nossos pés envolto em meia sombra, transpirando uma ligeira nevoa, deslisando sobre a areia de

seu macio leito até se despe-
nhar, mansa, resignadamen-
te no pequeno açude.

A capella do logar erguia-
se lá adiante com o seu cam-
panario branco d'arminho,
como que estampado na fa-
chia azul do horisonte, entre
as laranjeiras dos pomares.
O valle, que se desdobrava
à nossa frente, era ainda
sombrio e parecia revolver-se
sommolento sob o seu lençol
de neblina ligeiramente on-
deante.

Pesava em tudo uma me-
lancolia nostalgica, que nos
despertava n'alma languidos
anceios, roxos soluços de
saude. A paizagem pren-
dia com os seus encantos,
em que dominava uma tris-
teza suave.

Mas a scena ia mudar.

Descemos até meio da
encosta e quedamos extacti-
cos.

Vinha já rompendo o dia
n'um clarão triumphal vio-
laceo e aureo lá por detraz
das cristas recortadas das
montanhas azues longinquoas,
assim aureoladas por um
nimbo digno só da santida-
de infinita.

O despontar e subir ma-
jestoso do sol, como que sa-
hindo d'um banho de luz, no
meio do mais profundo e re-
ligioso silencio da natureza,
apenas cortado pelo canto
matinal dos gallos e pelo
zumbir dos insectos, que se
abemolava, arrebataram-nos
em extazias d'essas contem-
plações mudas, que só as
grandes maravilhas tem o
condão de provocar.

—Como isto é grande! ex-
clama por fim o meu com-
panheiro. Perante espectacu-
lo tão majestoso o homem
não pôde ter a vaidade de
empregar uma metaphora,
chamando-se o verme que
rasteja no pó!

E os nossos joelhos como
que se dobraram até roçar
as urzes da encosta.

Bramos pequenos de mais
effectivamente.

—Admiremos por momen-
tos esta vizão que me pôe fó-
ra de mim! continuou elle.
Que sublimidade!

Olha a aldeia lá adiante
beijada pelos primeiros raios
de sol! Não é mais gracioso
um rebanho adormecido em
manadas, aqui e além, sobre
as pastagens! Que ignoradas
sensações me não está a des-
pertar n'alma o fumo das
chaminés, a destacar-se so-
bre a nevoa d'aquelles ou-
teiros e planicies!

As nossas almas vibra-
vam em unissono. As chami-
nés fumegavam não sei com
que magia, que me repassava
tambem de voluptuosidade e o
vapor tenue, que se elevava pa-
ra o ceu, como o incenso d'um

thuribulo, da silhueta dos
pinhaes e das margens dos
regatos, dava-me d'aquellas
lagrimas, que em horas d'in-
timo goso a gente verte sem
saber porque.

(Continua)

Alfredo

NOCTURNO



Oh! noite silenciosa, assetinada,
Santo refugio das minhas amarguras,
No teu regaço, oh noite abençoada,
E' que eu escondo as minhas desventuras

Se no teu manto,—caricioso abrigo—
A errante lua trazes engastada,
Mais confidente no teu seu amigo,
Trisleza escondo, oh noite imaculada!

Em ti, somente—Mater da doçura
E no teu collo de astros constellado
E' que choro esta dor, esta amargura,

Porque na tua luz serena e amante,
Suavisas a tristeza agonisante,
Que vae n'este meu peito torturado!

Lina X. Castro Soares.

Beneficencia escolar



Foi uma encantadora fes-
ta de rapazes, de mocidade e
d'alegria!

Sob aquella civilisada quie-
tação, na poeira de luz mor-
na e pastosa dos olhos divi-
namente bellos de tanta mu-
lher bonita, até na funebre
rigidez das casacas dos con-
vidados se sentia latejar a
traquinice irreverente d'a-
quella malta de rapazelhos.

A força e o espirito, ca-
sando-se alli n'uma harmonia
extranha e exquisita, gera-
ram a vida a palpar d'en-
thusiasmo e calor na caden-
cia do hymno, nas nuances
da cançoneta, nos brincados
refolhos das comedias. Aquel-
las boquitas rosadas, fazen-
do-nos esquecer a ausencia
dos nossos dentes saos, de-
ram-nos a esmola da sua es-
tuante mocidade e o exemplo
do trabalho persistente, bem
orientado, para que haja, no fu-
turo, mais pão para cada bô-
ca e mais justiça para os des-
herdados d'ella.

As suas canções, as suas
fallas só nos disseram da

grandeza altruista d'aquella
obra, do extraordinario si-
gnificado moral d'aquillo tu-
do, para que não deixemos
morrer a Beneficencia n'um
gelado abandono, na doloro-
sa impotencia da propria fra-
queza.

Mas que abençoadas ho-
ras lá passamos!

Foi como se volvessemos
ao passado, aos coros da Ta-
boada, ao tempo dos ninhos,
de nadar, da pedrada e dos
aros. Lagrimas atrevidas nos
assomaram aos olhos a rirem-
se da nossa corcunda e o co-
ração, cerrando a resta do
bom humor, poz-se a taram-
melar das saudades dos ami-
gos que já não voltam e dos
sonhos doirados que andam
a pandegar por este mundo
do Senhor.

Recordar é passar uma es-
ponja sobre as amarguras do
presente, saboreando longa-
mente as delicias do passado.
Perdoae-nos, senhores, esta
pontinha de choro!

Mas festas assim, cheias
de vida, da graça suprema das
mulheres, do entusiasmo
quente das creanças; festas
d'espirito e amor, que são os
unicos arrimos do coração,
bem se necessitam, bem se
estimam n'este nosso meio
careado por um fanatismo es-

treito e miseravel.

Não desanime ninguém
n'esta crusada santa e Ovar
terá feito alguma coisa util,
alevantada e grande...

E temos palrado da nossa
justiça.

José Luiz da Silva Cer-
veira

Morren!

Aqui em curtas linhas lhe ren-
demos a mais sentida homenagem,
como filhos d'Ovar.

Silva Cerveira foi um homem
que trabalhou e que muito prati-
cou em prol do melhoramento das
condições materiaes da nossa ter-
ra.

Fez falta, já o ouvimos dizer.
E não pequena.

Era um homem activo como
poucos, emprehendedor e intelli-
gente.

Tudo lhe corria de feição e
com isso ia logrando algumas
commodidades notaveis e indis-
pensaveis a nossa terra.

O «Hotel Cerveira» do Fura-
douro, installado com asseio e
conforto n'um meio como o nosso,
onde fallece sempre o alento às
empresas dispendiosas, salvou mul-
ta vez de apuros o brio e patrio-
tismo vareiros.

Era a obra do Cerveira, era
com ella que nos abonavamos.

O seu trato affavel sempre at-
tencioso, revendo carinho mesmo,
a todos captivava e ao forasteiro
menos justiceiramente informado
sobre a indole da nossa gente, era
não raro formal desmentido de
impressões pouco lisongeiras a
nosso respeito.

Fez falta.

Não é perda sem cotação a
d'um bom luctador. E Silva Cer-
veira era da pleiade dos bons.

Tinha familia, precisava de tra-
balhar e n'esse afan de lhe car-
rear algumas commodidades o
surpreendeu a morte.

Mas com a sua lida não lucra-
va só elle. Todos nós d'ella co-
lhiamos resultado.

Util a todos.

Mas, principalmente, um bom
exemplo.

Para os seus.

E para quantos, a par do in-
teresse com que se esteiam os
dias da vida dos menos que abas-
tados, cultivam, pelo labor quo-
tidiano, as joias mais distinctas
do character, engastadas no mais
fino quilate da bondade: a honra
e o bom nome.

Guardamos, como grata, a sua
memoria

Eduardo.



CORREIO DE BORLA

Aos Srs. Charadistas

A administração da «Perola» profundamente desgostosa pela forma anarchica como tem sahido a secção charadística, e sobre tudo pelas suspeições bem manifestas de alguns senhores charadistas-decifradores, suspeições injustas e immerecidas embora indirectas, rezolven, não por dever de lealdade, porque nunca faltamos a elle, mas para mostrar aos *desconfiados* que nos é absolutamente indifferente conferir o premio a este ou aquelle, resolveu, repete annular, as secções charadistas até hoje publicadas, que serão substituidas pela prezente secção, isto para não sermos obrigados a annular o concurso. Assim o premio será conferido ao sr. decifrador que n'este numero mais decifrações mandar, e não se admittem outras decifrações que não sejam *aquellas dadas pelos auctores das charadas*.

N'esta secção vão todas as charadas existentes actualmente na redacção, excepto aquellas que já estavam conferidas e numeradas, porque essas foram rasgadas e lançadas para o lixo, e procedemos a-sim, para que se não repitam as desconfianças que são outras tantas desconsiderações para quem as não merece. As charadas hoje publicadas, apenas foram numeradas para depois se poderem desceiminar, e não foram conferidas. Certas ou erradas, isso vai á consciencia dos auctores.

Como não costumamos acuzar sem provas, vamos explicar-nos:

Timbira na sua carta cheia de ironias e veneno, acha extraordinario que Joteba apresentasse a decifração Duvalia, e mostra-se arreliado por não a encontrar nos livros da sua basta bibliotheca. Isto dá a entender, que houve traição; para melhor comprehensão, dá a entender que aquella charada foi fornecida pela redacção por intermedio de qualquer pessoa! Nós tambem sabemos ler nas entrelinhas...

A este senhor direi, visto que quer que lhe diga onde se encontra Duvalia, que, não estando disposto a dar lições de mythologia e botanica, poderia pedir essa informação ao auctor da charada, ou ao decifrador, mas para lhe poupar esse trabalho, eu vou dizer-lhe, embora eu não soffra da bibliomania e nem possua alfarrabios:

Queira abrir o dictionario mythologico-hespanhol-francez do auctor Arnould Galopim 3.^a edição a paginas 14, linha 22 e ali encontrará *Ban*. A paginas 22, linha 10 encontrará *Duva*. Sobre a existencia da planta *Duvalia* basta perguntar a um bom horticultor.

Sobre a formosa Chica, seria accetavel se a pontuação syllabica estivesse na mesma linha, mas estando na linha onde se acha a palavra *chapeu* torna-se inconfundivel Quico com Chica. Quico é synonymo de chapeu, e Chica não passa de uma corrupção do nome de Francisca...

Não devemos proceder d'animo leve, nem nos deixar emburrar...

Arnobio—A carta d'este cavalheiro vem satyrica e até offensiva, a ponto de suppôr que, qualquer gralha, tanto em artigos, como em verso, e nas charadas, não é filha da atrapalhação, mas sim propozitada com fins occultos! E' extraordinario!

Se algumas gralhas saem, o que é natural e se algumas vezes é devido ao typographo, outras vezes é devido ao auctor.

Por exemplo: o sr. Arnobio, que é um rapaz fino e intelligente, a ponto de nos indicar erros—deixe-me assim dizer grammaticas,—não escreveu *tripolo* em vez de *triplo*? Isto não é apontar erros mas tão somente mostrar, que muitas vezes a culpa não é nossa...

Para lhe mostrar a nossa lealdade, parte da prosa dirigida a Timbira, tambem lhe pode interessar, devendo nós accrescentar, que a suspeita é tão grande a ponto de nos fazer o pedido que fez! Para publicarmos a 4.^a pagina cheia de charadas, não precisamos do seu sacrificio, em nos querer comprar a dita pagina.

Rei Pum. E' injusto para conosco. Então por nós lhe pedirmos charadas por intermedio do jornal, sahimos fóra da pragmatica e delicadeza?

Não pense tal e pedimos continue.

O sr. Arnobio deseja saber quem é Rei Pum. Podemos dizer?

Odeveza e Joteba.—Creio que depois da rezolução tomada pela administração d'este jornal, estão satisfeitos os seus pedidos. Foram V. Ex.^{as} os unicos que, conhecidos como bons e intelligentes charadistas e decifradores, nunca se fizeram valer d'essa superioridade.

Será por modestia?

Cada um vai com o numero de charadas que cá tinha, excepto Odeveza que, tem muitas.

Tem 15 dias para decifrar.

Em phrase

1 Vá, é necessario que sorteie o mestre de obra 2 2

2 Já vi uma estrella da ursa maior cahir aqui n'uma regueira 2 1

3 A terceira mulher de Athamas era muito compassiva com a pobreza desvalida 2 2

Offerecida ao distincto Republica

4 O chefe da republica é que leva a vogal para o rebanho de bois 1 1

5 N'uma ilha da nubia ha uma vogal fazendo um lindo desfileiro 1 1

Dedicado ao sr. A. S. Motta

6 N'um lago da Irlanda encontrei um anel tirado do dedo d'uma borboleta diurna 1 1 1

7 N'uma ilha do rio Gambia a encarregada da educação de Baccho, estabeleceu um preceito fundamental 1 1

8 D'uma cidade da França avisata-se uma ilha ingleza n'um uniforme de alguns corpos de cavalaria. 1 1

9 O rio da Galliza leva a vogal que é do Oriente. 2 1

Gafanhoto.

10

Defende e salvar se poderes 2
Ao que n'esta vá cahir 2
Que pode bem não o nego
Recrear e instruir

11 Aqui, na Asia, na bocca e na bocca 1 1 1

12 E' adjectivo na musica este peixe 2 1

13 Serve para guardar o animal feroz na botanica 2 2

14 Esta ave sosinha está na fabula 2 1

15 Esta repetição é medida por este instrumento 2 2

16 Pelo correio corre este homem 2 2

17 Este prefixo que alimenta dá prazer 1 2

18 E' planta esta mulher que nos instrue 2 3

19 Doce chimera que dilacera e desaparece 2 1

Califa.

(Ao illustre Dr. Misterio)

20 E' uma treta dizer que é indispensavel agitar a cauda 2 1

21 O aspecto do fogueiro é o de um cambista 2 1

22 A primeira arvore foi tratada com muito aceio 1 2

23 Cuidado! Não vá desacompanhado por esse caminho suspeito 2 1

Joteba.

24 Ha muito metal que se transforma de diversas cores 2 2

25 O destino é vario para o Eurico de Souza, montar agora a estalagem 3 2

26 Quem paga as suas decimas, trabalha e carrega nas tapadas 2 1

27 Recolhe com piedade, o viajante em sua casa, o hospedeiro 3 1

28 D'aqui a pouco estou proximo da moda, tenho um facto a estrejar n'um domingo da Paschoela 2 2.

29 Grande rio é o Amazonas, além do seu curso escabroso e funebre 1 2 2

30 Os senhores não calculam o trabalho que teve minha mulher, para me arranjar esta planta! 2 2

31 Houve um hypocrita que me disse do Joteba, coisas que não acredito, elle é uma joia, não é nenhuma pedra falsa 2 1

A Perola

32 Cerbêro, o famoso cão do Inferno, foi o unico animal que foi assombrado 2 1

(Ao valente Republica)

33 Sou contra, todo aquelle que mancha o caracter de qualquer, sem ter razão para fazer. Sentença brevissima e justa 2 2

Odeveza.

34 Este fructo e esta nota é pedra custosa 2 1

Ao amigo Arnaldo D. Silva

35 Não está mal este pronome, pois que avistei esta ave do Brazil 1 1 1

Ao Porquinho

36 Na clematite illudi no namoro esta mulher 1 2 1

(Ao valente «Sensitiva»

37 A uma possessão portugueza ligo um grande medroso 2 2

Offerecida ao amigo A. Motta

38 N'um estado do Brazil, ha um filho de 14, que tem uma vespa, oriunda d'uma serra do estado de S. Paulo 3 2 2

39 Faz o pinto, o laço e o pronome este pulo. 1 1 1

Dr. Misterio

40 O fructo do jacaré é uma linda planta 3 2

41 Digam-me lá srs. charadistas qual a arvore e a lagôa brasileiras que tão faladas foram por José de Alencar e que formam uma arvore da mesma nação 2 2

42 N'uma especie de bastidor o grande e diuino Dante passava a quaresma 2 1

43 Estou livre d'um compromisso porque o credor distingue com as suas atenções um sóba d'um ponto da Africa 2 1

Ao amigo Arnaldo

44 Do porto findantês ao Japão ha muito louvor 2 2

45 O discipulo de Mahomet duas vezes provou a evidencia a presença de alguém fóra do lugar em que pretendiam que estivesse 2 1

Ao eximio Joteba

46 A cidade pelo filho de Enéas

edificada na força da vida é um perfume composto 2 1

47 Na cóva do caminho ha grande sarapatel de linguagem 3 2

Ao meu caro Baptista Pinheiro (Cabula) futuro assignante de «A Perola»

48 Com que então a loja tua anda assim tão em voga no teu doce emprego!... 3 2

49 O senhor d'esta magna assemeilha-se á alvura da via-lactea 1 1

50 Será n'uma ilha que tem um canal que ha um sitio proprio para uma refrega 1 2

51 Sim porque a culpa d'um é um mulher que tem muito fulgor 1 4

Arnobio

52 Na minha morada tenho um peixe fazendo occupação em certo sitio 2 2

53 Seguro uma foz com um certo poder 2 2

54 E' um grande regosijo em Aveiro quando ha qualquer funcção 3 2

55 No limite d'esta locução a uma interpretação litteral. 1 2

Barbas de Bagaço

Charadas bifformes

56 Eu dei um lindo presente á antipathia-3

Gafanhoto

57 Que bello catavento que é o meu antigo creado! 5

Arnobio

58 Um peixe parecido com ocaó! 3

Joteba

Augmentativas

59 Vi uma ave n'uma prisão 3

60 A um fructo do Brazil aconteceu um caso occidental 2

61 N'uma rua estreitava-se quem quer que seja caminhar a passo 3

62 E' vulgar dizer-se quando já é muito tarde que vamos para esta terra portugueza n'um carro grande de carga, do Rio de Janeiro 3

Cafanhoto

63 O Arnaldo agoita immenso a bonita e singela plantinha 3

Arnobio.

Ao Ex-hão

64 Está sem sorte o velhaco 3

Dr. Misterio

Em verso

A Noemia

No desterro dos meus amores 2
Ergui no coração um altar,
Cheio de lagrimas e flores
Onde te vou sempre adorar.

Na estação da Primavera, 2
N'esse lindo mez de Maria,
A Natureza rejuvenêra,
Engrinalda-se d'alegria.

Então, minha casta ventura,
Fico em muda contemplação,
Vendo a tua gentil figura
Com alvoroço no coração.

Odeveza.

Electricas

66 Um rio de marrocos 1

67 Rio da França 2

Gafanhoto.

68 Montanha da Prussia 2

69 Rio da Colombia 2

70 Na Turquia ha um monte muito falado que ao invéz é um ventilador 3

Dr. Misterio

Metathetica

71 N'uma estrella da ursa maior encontrei um pedra preciosa 5

Decepadas

72 Do amago de qualquer coisa extrai um escalei 3 2

Gafanhoto

73 O barrote é redondo 2

74 Ao cavar a terra encontrei um animal 2

Joteba

Syncopadas

75 3-Com uma picareta matei uma cabra 2

76 3-O anão matou o homem com esta espada 2

Joteba.

Antitheticas

77 O sacerdote leva um ornamento na cabeça 2

78 Dei em troca do tecido duas pedras preciosas 2

Joteba

Apheresadas

79 A patria da morrinha é uma terra portugueza 3

Ao quintanista dr. Alinterio

80 Que não tem orelhas é sabido 3 2

Gafanhoto

Telephonica

81 Trim...
Trim...
Que deseja?
Já matou tudo?
Ainda não.
Ainda lhe sobeja alguma coisa? 2

Ainda; ainda me sobeja um animal. 1
Então mate-o com esta Herva medicinal.

Bem-said.

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1

Quinta feira 5 de Agosto de 1909

N.º (29)-14

Snr.